

GEOPOLÍTICA AFRICANA: FIM DOS CONFLITOS ENTRE ETIÓPIA E ERITREIA

Dante Severo Giudice
dasegu@gmail.com
Pesquisador do GRUDET/UFOB
Grupo de Pesquisa Dinâmicas Espaciais e Desenvolvimento Territorial
Pesquisador do GEOPLAN/UFS
Pesquisador do GESEA
Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinares em Gestão Saúde e Educação Ambientais
Marcos José Oliveira dos Santos
mack_vibe@hotmail.com
Geógrafo pela UCSAL
Professor da SEC/BA
Membro do GRUDET/UFOB
vera.verinha17@gmail.com
Geógrafa pela UCSAL
Membro do GRUDET/UFOB
Cintia Silva de Jesus
Cintiiaah@gmail.com
Geógrafa pela Ucsal
Membro do GRUDET/UFOB

RESUMO

A Geopolítica Africana se caracteriza por muitos conflitos, entre os países, decorrentes de problemas étnico-econômicos, na sua quase totalidade, criados durante o período colonial, quando a Europa explorou amplamente o continente, impondo seus valores, e subjugando as culturas dos países nativos. O presente estudo analisa os conflitos entre a Etiópia e a Eritréia, a partir das determinações impostas pela ONU. O caminho metodológico adotado foi revisão bibliográfica, pesquisa documental, reportagens e notícias sobre a temática. Verificou-se que a Etiópia e a Eritreia foram reunidas numa federação única, por imposição da ONU, sempre dominada pelos países europeus.

Palavras-Chave: Geopolítica Africana; Etiópia; Eritreia.

INTRODUÇÃO

Os conflitos entre a Etiópia e a Eritreia, países do Chifre da África, acontecem desde a década de 1960, quando se consolidou a luta pela independência da Eritreia, até então uma região da Etiópia. Esta separação implicava a perda da parte costeira da Etiópia, e em consequência, esta teria de utilizar os portos da nova nação para alcançar o Mar Vermelho e assim poder viabilizar seu comércio exterior, o que significava custos. As negociações avançaram e culminaram com um referendo em 1991, que conduziu a uma separação pacífica, em 1993.

No entanto, não estava bem definida a demarcação das fronteiras comuns. Este fato levou a sérias divergências que culminaram com a invasão do território da Etiópia e anexação da região de Badme, em 1998, pela Eritreia, levando a Etiópia a declarar guerra ao invasor. Este conflito se prolongou até 2002, quando o Acordo de Argel, selou uma paz cartaginesa, estabelecendo uma zona de segurança de vinte e cinco quilômetros ao longo da fronteira, no território da Eritreia, que foi ocupada por forças de paz da Organização das Nações Unidas – ONU.

Tais acontecimentos levaram à suspensão das relações diplomáticas entre os dois países. O presente estudo analisa os conflitos entre a Etiópia e a Eritreia, a partir das determinações impostas pela ONU. O caminho metodológico adotado foi revisão bibliográfica, pesquisa documental, reportagens e noticias sobre a temática.

Atualmente, com a chegada ao poder, na Etiópia, do Primeiro Ministro Abiy Ahmed, que defende a promoção da paz no continente, foi proposto um acordo de paz, e estabelecidas conversações com o presidente Isaias Afewerki, da Eritreia, com a intermediação da Organização da Unidade Africana – OUA. Este acordo foi fechado, e assinado em Adis Abeba, no dia 14/07/2018, com muitas comemorações em ambos os países. Ficou acordado a reabertura das respectivas embaixadas nas capitais dos dois países, e o estabelecimento da ligação aérea entre elas, cujo vôo inaugural contou com a presença dos dois dirigentes.
O acordo colocou fim a 20 anos de rompimento de relações diplomáticas, demonstrando que os conflitos africanos têm de ser resolvidos pelos próprios países do continente, e não esperar que as soluções venham de fora, sobretudo da Europa.

A QUESTÃO GEOPOLÍTICA ETIÓPIA – ERITREIA

A geopolítica africana, por muito tempo esteve ligada aos golpes de estado apoiados pelas matrizes coloniais, e sujeitos aos interesses econômicos das mesmas, pois ainda que independentes, os países africanos são comandados por uma elite formada/criada pelas matrizes coloniais. A impressão de caos é fruto de simplificação midiática e preconceitos depreciativos, o que gera a ideia de “complexidade sem solução” do continente.
Apesar das transformações ocorridas, o que se pode observar é que existe uma regressão social e uma democracia limitada. Como afirma Robert (2008), “A África subsaariana é a única parte do mundo em desenvolvimento em que a expectativa de vida recuou para o nível registrado no início da década de 1970, e continua abaixo dos 50 anos.” (ROBERT, 2008, p.3)
Por outro lado, ainda segundo Robert (op. Cit)

> a democratização ampliou o espaço político, mas de modo incompleto. A tutela das instituições financeiras internacionais põe um manto de dúvida sobre a legitimidade das autoridades públicas. O surgimento de novas potências africanas ou estrangeiras redesenha a geopolítica do continente, deixando a esperança de uma possível redistribuição das cartas do jogo.(ROBERT, 2008, p. 5)

O cenário geopolítico na África é de corrupção e elitismo, sendo que a legitimidade e a representatividade das elites são garantidas muito mais pelas instituições financeiras internacionais que pela população (CASTRO, 2012).

Os problemas geopolíticos entre a Etiópia e a Eritreia surgiram quando em 1952, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU decidiu unir os dois países numa federação única. Mesmo sendo a Eritreia economicamente mais pobre e vulnerável, isso não foi prontamente aceito pelo povo eritreu que já havia sido dominada pela Itália entre o fim do século XIX e início do século XX.
Essa insatisfação se traduziu em organização de grupos pró-separação e independência. Para complicar mais o problema, em 1962, o imperador etíope Selassié, dissolveu a federação unilateralmente e anexou à força a Eritreia, transformando-a numa província etíope.

Esta anexação veio consolidar grupos de luta pela independência, destacando-se a Frente de Libertação da Eritreia (FLE) e a Frente Popular de Libertação da Eritreia (EPLF). Essa pressão interna foi o estopim responsável pelo desmonte do regime militar etiópe, em maio de 1991. Independente do tipo de regime, as negociações com a província "rebelde" avançaram e um referendo neste mesmo ano, resultou em uma separação pacífica, em 1993, mas sem demarcação de fronteiras bem definidas.
Conforme Cardoso (2016),

> Nos primeiros anos após a independência da Eritreia as relações entre os dois países foram positivas e cooperativas. Reflexo disso pode ser encontrado nos vários acordos assinados ao longo da primeira metade dos anos 1990 entre Asmara e Adis Abeba, visando alcançar integração econômica e cooperação política. Pode-se citar o Acordo de livre comércio e de cooperação econômica. O acordo que facilita o uso dos portos eritreus de Assab e Massawa pela Etiópia, o uso do birr etíope como a moeda comum e o acordo de defesa mútua. Além disso, acertou-se a colaboração para reconstrução das infraestruturas dos países, destruída durante a guerra. (CARDOSO, 2016, p.158)

Entretanto, por questões de ajustes econômicos, a Etiópia foi forçada, pressionada pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional – FMI, a adotar uma política econômica ortodoxa, o que refletiu na redução do fluxo de capital da Etiópia para a Eritreia, levando a um processo de desgaste e atrito nas relações entre os dois países. Como as economias estavam muito interligadas, as relações comerciais estreitas, os problemas econômicos etíopes atingiam, em cheio, a Eritreia. Em represália, o governo eritreu criou uma moeda própria, o nakfa, abolindo o uso do birr, aumentou as taxas para utilização dos portos (Assab e Massawa) pela Etiópia, e acirrou as disputas de fronteiras que não haviam ficado bem demarcadas quando da independência.
A Guerra explodiu em maio de 1998, muito se questionou quanto às causas, e muitas foram as tentativas de resolução do conflito, com vários mediadores, sem sucesso. A Eritreia foi derrotada "tecnicamente" e a ONU criou uma missão para a região, para vigiar e garantir os acordos.
Segundo Cardoso (op. Cit.),

> (...) em dezembro, sob auspícios da OUA, ONU, UE, e EUA, foi assinado o Acorde de Paz de Argel, que determinava, entre outros termos, que a disputa de fronteiras fosse submetida a dois órgãos independentes e imparciais a serem indicados pelos Secretários Gerais da OUA e da ONU, bem como pelos dois países. (CARDOSO, 2016, p.161)

As discussões entre os dois países se estenderam pelas duas décadas deste século, sem acordo e com muitos vetos de ambas as partes de todas as propostas apresentadas. A tendência ao totalitarismo é outro problema geopolítico na região, pois os dois países quase sempre estiveram sob o domínio de ditaduras, o que dificultava acordos e negociações, e tinham como projeto único a derrubada do outro, preservando seu poder interno, desviando a atenção das repetidas acusações, locais e internacionais, de violações e abusos dos direitos humanos e políticos.
Ainda segundo Cardoso (op. Cit.),

> No âmbito sistêmico, a posição geopolítica do Chifre da África (estratégica para os interesses soviéticos e estadunidenses, pelo fato de estar próximo dos países produtores de petróleo do Oriente Médio, bem como das importantes rotas navais internacionais), transformou a região num palco de disputa sistêmica. (CARDOSO, 2016,p.163)

Para Panozzo (2008),

> A permanência no confronto fronteiriço entre a Etiópia e a Eritreia provocou, nos últimos anos, uma expansão das divergências entre os dois governos acerca das políticas regionais, levando àquilo que alguns analistas políticos chamaram «o grande jogo» no Corno de África. Não podendo confrontar-se diretamente na fronteira partilhada, Adis-Abeba e Asmara tomaram posições radicalmente divergentes relativamente às escolhas de estabilidade regional. Além de dar pulso forte às respectivas oposições, os dois países chegaram a guerrear-se por procuração sobre um terreno de conflito muito próximo e cruento: a Somália. A Eritreia defendeu política e militarmente a subida ao poder da União das Cortes Islâmicas (UCI) primeiro na capital somali Mogadíscio (Junho de 2006) e depois em grande parte do país, enquanto o governo de Zenawi deu apoio ao governo federal de transição somali (TFG), até à invasão da Somália por parte do exército etíope, ocorrida em final de Dezembro de 2006.(PANOZZO, 2008, p. 45)

Após anos de regime totalitário/ditatorial, em abril de 2018, chegou ao poder na Etiópia Abiy Ahmed, lançando reformas sem precedentes, e com a proposta de resgatar as relações entre os países africanos, promovendo a união deles, através do fortalecimento da Organização da Unidade Africana – OUA. Desta forma, abriu caminho para normalização das relações com a Eritreia.
Segundo o site Brasil de Fato (2018),

> Entre as mudanças estava o anúncio, no início de junho (2019), de sua intenção de aplicar o Acordo de Argel assinado com a Eritreia em 2000 e as conclusões da comissão internacional sobre os limites fronteiriços. A iniciativa foi bem recebida pelo presidente eritreu, Isaias Afewerki, que enviou uma delegação a Adis Abeba para negociação.(Acesso em 09.03.2025)

A Declaração Conjunta de Paz e de Amizade foi assinada em Adis Abeba, em 14/07/2018, entre os governantes dos dois países, ficando acertada a retomada do tráfego aéreo, marítimo e ferroviário, e de ligações telefônicas; a livre circulação de pessoas entre os dois países, com a permissão aos cidadãos dos dois países se mudarem e trabalharem nos territórios de ambos; a reabertura de embaixadas; implementação das decisões fronteiriças, justamente o ponto crucial que acabou com as relações diplomáticas assinadas no ano de 2000, no Acordo de Argel. Também ficou acertado o desenvolvimento conjunto dos portos eritreus, uma das prioridades do Primeiro-Ministro etíope, o que irá não só facilitar a exportação dos produtos da Etiópia, uma das economias que mais crescem na África, mas também contribuir para o projeto de reativar a marinha.
Enfim, este acordo histórico resgata a paz entre dois países que compartilham uma memória e uma herança complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das diferenças étnicas e religiosas, as populações da Etiópia e da Eritreia guardam muitas semelhanças, sobretudo culturalmente. Geograficamente os países estiveram unidos por cerca de um século durante o período colonial, e durante metade deste período integravam uma mesma nação e seus povos se relacionavam pacificamente.
Os conflitos que neste caso fogem à regra dentro do continente africano se deram muito mais por questões políticas, com o componente econômico, no nosso ponto de vista, mais secundário. Ainda assim, não podemos deixar de imaginar que a existência de petróleo no litoral da Eritreia (Mar Vermelho), contribuiu para o conflito, uma vez que após a revolução etíope de 1974, a relação bilateral Etiópia x EUA começou a se deteriorar,

devido à ligação da Etiópia com o comunismo internacional e os abusos dos Direitos Humanos, o que levou os EUA a negar o pedido da Etiópia de aumentar a ajuda militar para intensificar sua luta contra o movimento separatista eritreu. Esta relação se manteve tensa até a separação da Eritreia. Coincidentemente em 2001, a companhia estadunidense CMS Energy assinou um acordo de exploração de petróleo com a Eritréia, para a exploração do Bloco Dismin, na parte nordeste do país.

A questão do acesso marítimo é outra questão fundamental, e razão importante para a Etiópia apoiar a resolução da ONU de 1952, e a posterior anexação da Eritreia como província, em 1962. Numa região conflituosa como o Chifre da África, depender de portos de outros países configura-se um entrave as exportações.

Enfim, espera-se que o fim dos conflitos acabe com as hostilidades entre as duas nações, e promova o desenvolvimento conjunto, visando tirá-las da eterna situação africana de periferia do mundo, situação criada pelo colonizador e fomentada ainda hoje pelas matrizes coloniais.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Nilton Cesar Fernandes. *Segurança Regional no Chifre da África:* Conflitos, Agendas e Ameaças. IN: Revista Brasileira de Estudos Africanos e-ISSN 2448-3923 | ISSN 2448-3907 | v.1, n.2, Jul./Dez. 2016 | p.137-172

CASTRO, H. *Luzes da África*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2012.

PANOZZO, Irene. *Etiópia/Eritreia: fronteira explosiva*. Revista Além Mar, 2008. Disponível em: < http://www.alem-mar.org/ cgibin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EkpZEFuAukvnHUPfmj 1/> Acesso em: 12 mar. 2025.

ROBERT, A.C. *A África sonha com a sua segunda independência*. Nantes, L'Atlantic, França, 2008.

Sites:

Tratado de paz acaba com quase 20 Anos de conflito entre Eritreia e Etiópia | Brasil de Fato. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/07/17/tratado-de-paz-acaba-com-quase-20-anos-de-conflito-entre-eritreia-e-etiopia/ 3/6. Acesso em: 09 mar. 2025.